

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO COMPORTAMENTO SUICIDA DOS ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS ON THE SUICIDAL BEHAVIOR OF THE ADOLESCENTS: A LITERATURE REVIEW

Letícia Araújo Pontes¹

Lucas Barros de Menezes²

Shirley Mendes Albergoni³

Jaqueline Sobreira Rodrigues⁴

RESUMO

As redes sociais tem sido destaque no cotidiano dos adolescentes, principalmente, diante da expansão de informações diárias que ocorrem no meio virtual. Neste contexto é observado os impactos na saúde mental que surgem ao uso frequente dessas redes, por exemplo, a depressão e o suicídio. O objetivo desse trabalho é compreender como o uso das redes sociais por adolescentes podem influenciar as ideias ou comportamentos suicidas. Na metodologia foi realizada uma revisão de literatura através da abordagem qualitativa para abordar essa temática. Na coleta de dados foram utilizadas as plataformas digitais *Google Scholar* e *SciELO*. A análise de dados foi dividida em duas classes temáticas a serem discutidas: 1. Descrever a relação entre a adolescência, o suicídio e as redes sociais; 2. Identificar os fatores de risco e proteção relacionados ao suicídio e ao uso de redes sociais na adolescência. A partir desses dados, conclui-se que as redes sociais não é a principal causa do comportamento suicida na adolescência devido que o suicídio é complexo e multifacetado. Porém, o Efeito Werther ou *copycat* e o *cyberbullying* nos quais podem contribuir para que os adolescentes tenham ideias suicidas ou incentivar o ato.

Palavras-chave: Suicídio. Redes sociais. Adolescência.

ABSTRACT

Social networks have been prominent in the daily lives of adolescents, especially in view of the expansion of routine information that occurs in the virtual environment. In this context, the impacts on mental health that arise from the frequent use of these networks are observed, for example, depression and suicide. The objective of this work is to understand how the use of social networks by adolescents can influence suicidal ideation or behavior. In the methodology,

¹ Acadêmico de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping. E-mail: lepontes12@gmail.com

² Acadêmico de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping. E-mail: lucasbarrosk01@gmail.com

³ Acadêmico de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping. E-mail: shirleyalbergoni@gmail.com

⁴ Mestra em Psicologia. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping. E-mail: jaqueline.rodrigues@professor.uniateneu.edu.br

a literature review was carried out through a qualitative approach to address this thematic. For data collection, the digital platforms Google Scholar and SciELO were used. Data analysis was divided into two thematic classes to be discussed: 1. Describe the relationship between adolescence, suicide and social networks; 2. Identify risk and protective factors related to suicide and the use of social networks in adolescence. From these data, it is concluded that social networks are not the main cause of suicidal behavior in adolescence because suicide is complex and multifaceted. Although, the Werther Effect or copycat and cyberbullying can contribute to adolescents having suicidal ideations or encourage the act.

Keywords: Suicide. Social media. Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o suicídio é reconhecido como um tema relevante na área da saúde que afeta a sociedade desde a Grécia Antiga. No entanto, o assunto começou a ser explorado por filósofos e historiadores como um fenômeno a partir do século XVIII (RIBEIRO; MOREIRA, 2018). Haja visto, o suicídio vem sendo estabelecido como ato intencional de causar a própria morte (COUTO; TAVARES, 2016).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda, é indicado o uso do termo comportamento suicida que pode abranger a complexidade que envolve o indivíduo com ideias e/ou pensamentos suicidas, tendo o intuito de autodestruir-se (COUTO; TAVARES, 2016).

No contexto mundial, o suicídio está sendo uma das principais causas de mortes, em que, para cada cem mortes, uma tende a ocorrer por suicídio. No período da adolescência, público alvo da presente pesquisa, o suicídio é a quarta morte mais causada entre os jovens de 15 a 29 anos (ONU, 2021), o que comprova a necessidade de atenção à essa faixa etária no que se refere a saúde mental. Na verdade, é comum que antes mesmo dos 14 anos de idade, surjam os problemas de saúde mental (ONU, 2021).

A adolescência é abordada como um período de passagem da infância para a fase adulta, destacada pelas mudanças biopsicossociais que envolvem a puberdade, a autonomia, as questões sobre estudos, a escolha vocacional, a busca da identidade e a descoberta da sexualidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Além disso, está submerso diante do contexto social em relação sobre os conflitos de si mesmo, os familiares e os relacionamentos sociais (EISENSTEIN, 2013).

No período pré-industrial, ainda não existia o termo “adolescente”. Diante da sociedade, as crianças eram tratadas como adultos após perceberem que tinham maturidade física suficiente para dispor-se a trabalhar ou começar os estudos para o âmbito profissional. Após o

século XX começou a ser considerada a fase da adolescência no desenvolvimento humano (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), é definido a fase da adolescência que ocorre dos 12 aos 18 anos de idade. Para OMS é descrita como a “segunda década da vida” entre 10 a 19 anos, e a juventude é prolongada dos 15 aos 24 anos (BRASIL, 2007). Sendo que para as autoras Papalia e Feldman (2013) é estabelecido o período entre 11 a 19 ou 20 anos. No entanto, é possível encontrar diversos autores com uma definição própria em relação a fase da adolescência, porém o desenvolvimento humano está em constante mudança, isso implica a definição de uma faixa etária específica.

A adolescência é vista como uma construção social que vem sendo envolvida pelos “aspectos sócio-psicológicos, como a forma de pensar e agir, e no desempenho dos papéis sociais, afetivos e econômicos.” (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014, p. 20). É uma etapa que destaca-se a subjetividade de cada indivíduo envolto pelo contexto social e histórico em que está ambientado, também sendo interligado ao âmbito cultural. No entanto, não é determinado um conceito preciso. Sendo assim, existindo diferentes definições encontradas nos estudos científicos (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014).

Nos últimos anos, a adolescência ocorre conjuntamente aos avanços tecnológicos. Os adolescentes estão interligados diante das redes sociais, as quais se tornaram presentes e populares no cotidiano da sociedade, como um meio de comunicação digital. Foi através das redes que surgiu a oportunidade de expandir vínculos sociais com pessoas de lugares diferentes e culturas diversificadas, tendo a oportunidade de fazer novas amizades e compartilhar informações (AGUIAR, 2007).

As redes sociais se tornaram um ambiente virtual com a possibilidade de expressar sobre diversos assuntos. No entanto, existem os impactos que o uso frequente dessas redes pode ocasionar na saúde mental dos adolescentes, como, por exemplo, “(...) alienação, ansiedade, intolerância, isolamento, individualismo, depressão; e em casos mais extremos o suicídio, logo causando dificuldades de concentração e agressividade” (FREITAS *et al*, 2021).

A partir disso, levanta-se o seguinte questionamento: como o uso das redes sociais por adolescentes brasileiros pode influenciar as ideias ou comportamentos suicidas? O interesse pela temática advém da afinidade dos pesquisadores com as questões sobre suicídio na adolescência e a baixa adesão de pesquisas sobre o público, em específico quando se trata de discussões referentes aos impactos das redes sociais.

O objetivo dessa pesquisa é compreender como o uso das redes sociais por adolescentes brasileiros podem influenciar as ideias ou comportamentos suicidas. Deste modo, os

objetivos específicos desse trabalho foram voltados em descrever a relação entre a adolescência, o suicídio e as redes sociais, também identificar os fatores de risco e proteção relacionados ao suicídio e o uso de redes sociais na adolescência.

Espera-se que a pesquisa traga contribuições para os profissionais da Psicologia, no desenvolvimento de sua atuação e conhecimento. Isso, porque, estudar sobre a temática da adolescência e compreender como se dá o fenômeno do uso das redes sociais virtuais na era digital, logo mostra-se bastante atual e relevante por causa do uso tecnológico. Esse meio digital que tornou-se parte do nosso contexto, tendo em mente que, pode ser mais um fator das vivências cotidianas dos adolescentes (PENAFORTE, 2020).

Este estudo se propõe a ser uma pesquisa descritiva, pois busca relacionar ou compreender o fenômeno do suicídio em adolescentes com uso das redes sociais, através do levantamento da literatura já produzida e publicada nas plataformas digitais, como os artigos científicos. Para tratar os resultados encontrados, usamos uma abordagem qualitativa, pois proporcionará um aprofundamento e visão do tema proposto. Por fim, o leitor encontrará nesse artigo o referencial teórico, que traz como tópicos: os aspectos históricos do suicídio, o suicídio na adolescência, a psicologia e o suicídio, e a relação do uso das redes sociais com o suicídio na adolescência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos históricos do suicídio

Atualmente para abordar a temática do suicídio é necessário refletir como era visto em determinados períodos da humanidade. Nessa pesquisa, discutiremos brevemente sobre a Idade Média, a era Moderna e Pós-Modernidade. Uma vez que, a religião, a cultura ou sistema político poderiam punir os mortos e seus familiares.

A Idade Média é um período considerado turbulento, de extrema pobreza e de dificuldades, no qual a morte poderia ser uma solução rápida para esse sofrimento. A ideia do pós-morte era bem-vinda para as pessoas que viviam nesse contexto. Conforme Oliveira (2016, p. 20):

Acreditar que homens de pouco recurso material, físico, intelectual e desprezados da própria realidade poderiam ascender na sociedade medieval é quase um paradoxo. Na falta de mobilidade social que o período apresentou à historiografia isso leva a constatar que o indivíduo comumente via a morte como pertinente, pois nascido desprovido de riqueza e poder e sem perspectiva de alterações em sua vida, via a ideia de um outro mundo, pós-morte, como bastante sedutora.

Nesse período, também o que prevalecia eram os dogmas religiosos da Igreja e a população era regida por esse sistema de ideias. Muitos dos indivíduos que atentavam contra a

própria vida perdiam seus direitos civis, como o direito a rituais fúnebres ou local da sepultura, pois, a Igreja via como uma manifestação demoníaca ou obra das trevas.

Em vista disso, eram seguidos alguns protocolos para que a pessoa que cometeu suicídio não voltasse para assombrar os vivos do seu povoado. Segundo Botega (2015, p. 21 e 22), durante a Idade Média:

“[...] dependendo dos costumes locais, o cadáver do suicida não poderia ser retirado de casa por uma porta, mas passado por uma janela ou por um buraco aberto na parede. Era, então, posto em um barril e lançado ao rio. Em algumas localidades, o cadáver era arrastado por um cavalo até uma forca, onde era pendurado com a cabeça para baixo. As mãos eram decepadas e enterradas separadamente. Os enterros deveriam ser feitos em uma estrada ou encruzilhada, nunca no cemitério do povoado”.

Nessa época, a Europa era considerada predominantemente cristã e na Bíblia há relatos de suicídio que aparentemente não são condenados. Podemos citar a história de Sansão, na qual não há intensão da própria morte, porém a de tirar a vida de mais de 3 mil filisteus o que o assemelha aos homens bombas da atualidade (BERTOLOTE, 2012).

Para Bertolote (2012, p. 28), a igreja só passa a condenar o suicídio a partir do “século VI como um pecado mortal, equivalente ao homicídio, e essa proibição persiste na maioria das religiões cristãs (católica romana e protestantes de diversas denominações), à exceção, da Igreja Ortodoxa Oriental, que nunca se pronunciou sobre”.

Assim os autores determinantes para a condenação do suicídio por parte da Igreja, foram dois teólogos desse tempo. Portanto, são eles: Santo Augustinho (354-430) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274), o primeiro afirma que:

(...) como a vida é um presente de Deus, desfazer-se dela é o mesmo que contrariar Sua vontade e, como consequência, rejeitá-lo. Ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob o pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos (BOTEGA, 2015, p. 22-23).

Dessa maneira, ele passou a considerar o suicídio como um pecado mortal, ainda que diante do contexto que os indivíduos viviam, pois mesmo com sofrimento, apenas Deus poderia tirar a vida. Bem como, o teólogo Santo Tomás de Aquino que acrescentou em sua *Summa theologica* que o suicídio não deixava chance de arrependimento. Era, por isso, o pior dos pecados. Os suicidas passaram, então, a ser considerados os mártires de Satã (BOTEGA, 2015).

A partir dessa condenação por parte da igreja, “a legislação civil inspirou-se no direito canônico e as penas religiosas passaram a se aplicar nas penas materiais” (BOTEGA, 2015, p. 23). No entanto, se um membro de sua família cometesse o comportamento suicida, todos os membros perdiam direito de ter acesso aos bens do falecido, se caso ele tivesse alguma posse. No entanto, mais tarde, isso se torna um interesse do Estado, porque as mortes suspeitas não eram bem investigadas para que, assim, os familiares não tivessem direito aos bens do suicida e passá-las diretamente ao Estado.

Dessa forma, afirma Oliveira (2016, p. 20), isso tornou-se caso de justiça por conta da insatisfação das famílias. “O crescente número de casos identificados pelas autoridades como suicídio, logo chamava a atenção da população para a verdadeira intenção embutida na afirmação de uma morte sem maiores apurações ser definida como suicídio”.

Entretanto, esse aspecto de como o suicídio era visto na Idade Média, muda de paradigma quando chega na Idade Moderna devido as mudanças sociais e econômicas, principalmente com a Revolução Industrial. De acordo com o autor Botega (2015, p. 26), “entre o século XIX e XX o suicídio passa por uma progressiva descriminalização respaldada na ideia de que a organização racional da sociedade deve acolher, compreensivamente, pessoas em risco de suicídio, em como tolerar o direito a tal prática”.

A mudança também dar-se nesse período devido ao número de estudos sobre suicídio nas áreas de humanas, na estatística, na bioética e neurociências, ou seja, um crescimento do campo científico que busca entender esse fenômeno. Conforme Botega (2015, p. 26), “nos tempos modernos, sob o olhar das ciências, o julgamento moral, as penalidades legais e religiosas em torno do ato suicida deram lugar à constatação de um problema científico”. Porém, isso não significa que esses estudos davam conta da complexidade do tema.

Na pós-modernidade, com todo esse respaldo científico e contexto social de crescimento tecnológico, aqui representados pela internet e as redes sociais, temos hoje um complexo de influências para considerarmos a subjetividade de um indivíduo que venha a cometer suicídio antes considerado como pecador e agora passa a ser considerado uma vítima.

Assim, Botega afirma (2015, p. 27) que a pessoa que comete suicídio hoje é vítima de sua “fisiologia cerebral, da decepção amorosa, das misérias humanas, das calamidades sociais; vítima de uma organização política e econômica que conduz à perda de sentido e ao desespero, a uma vida desprovida de sentido, a mortes aparentemente sem razão”.

Portanto, por meio desse panorama, compreendemos como o suicídio era visto pela organização social até o presente momento. Assim na Idade Média, como um pecador caso cometesse o ato suicida. Na Modernidade passou a ser descriminalizado e visto por um paradigma científico, por causa do aumento das pesquisas na época, e na Pós-Modernidade passou a ser visto como uma vítima, pois se considera todo o contexto em que o indivíduo vive.

2.2 Suicídio na adolescência

A adolescência é uma das fases mais difíceis do desenvolvimento humano, devido a chagada da puberdade, pois propicia mudanças significativas no desenvolvimento da pessoa.

Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 386), “a puberdade é uma mudança física importante, é um processo que leva à maturidade sexual, ou fertilidade – a capacidade de reproduzir”.

Nessa fase, os adolescentes estão passando por inúmeras transformações corporais, psicológicas, emocionais e comportamentais. Conforme Fonseca *et al* (2013, p. 259), “a adolescência é uma fase marcada por grandes descobertas e instabilidade emocional, período no qual é consubstanciada a personalidade”.

Dessa maneira, pode ser uma fase bastante confusa para a maioria dos adolescentes, pois é um momento de transição para a vida adulta em que eles vivem. Trata-se de uma constante busca pela formação de personalidade, muitas vezes apresentam comportamentos que podem se mostrar extremo e/ou negligentes à saúde.

Para Braga e Dell’Aglia (2013, p. 04), o comportamento suicida se “classifica em três categorias: ideação suicida (pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar), tentativa de suicídio e suicídio consumado”. Assim, nesse público é mais comum os pensamentos suicidas serem recorrentes, devido a fatores estressores, a momentos de indecisão e ao imediatismo, além de não possuírem plena maturidade emocional.

Botega (2015, p. 157) afirma que esses pensamentos na maioria das vezes são “passageiros, não indicam psicopatologia ou necessidade de intervenção. No entanto, quando esses pensamentos são intensos e prolongados, o risco de levar a um comportamento suicida aumenta”.

O suicídio é um importante problema de saúde pública, com impactos na sociedade como um todo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que no mundo, “mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio anualmente, sendo a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos de idade” (BRASIL, 2021, p. 01).

Assim entendemos, segundo Kuczynski (2014), que o suicídio é caracterizado como um fenômeno multifacetado, traz prejuízos para o indivíduo que o cometeu, e também para o coletivo em que a pessoa suicida vivia. Além de que pode afetar diferentes origens, sexos, culturas, classes sociais e idades.

Além disso, o Ministério da Saúde (2021, p. 02), também nesse mesmo estudo, aponta estatisticamente que no Brasil “ocorreram 112.230 mortes por suicídio, entre os anos de 2010 e 2019. E isso mostra um aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019”. Destaca-se que com esses números todas as regiões do Brasil de Norte a Sul do país há aumento de risco para o suicídio.

Da mesma maneira, as estatísticas feita por Cicogna *et al* (2019, p. 03) que no ano de 2000 a 2015, no Brasil, “ocorreram 11.947 mortes por lesões autoprovocadas intencionalmente

em indivíduos de 10 a 19 anos. Isso representa 8,25% do total de óbitos por suicídio em todas as faixas etárias no período”. Os autores afirmam em seu estudo que a maior parte dessa faixa etária são adolescentes de 15 a 19 anos de idade, e que esse número aumentou no gênero masculino.

Na mesma perspectiva, os dados do Ministério da Saúde (2021, p. 03) apontam que nos anos de 2010 a 2019 a taxa de mortalidade na adolescência teve alta. Conforme o estudo, “sofreram um incremento de 81% no período, passando de 606 óbitos e de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil hab., para 1.022 óbitos, e uma taxa de 6,4 suicídios para cada 100 mil adolescentes”. Através desses dados estatísticos, podemos notar que, ao longo dos anos no Brasil o comportamento suicida em adolescentes vem aumentando e que se torna necessário sabermos o que torna propício esse crescimento nesse grupo etário.

As causas do suicídio na adolescência podem ser bastante complexas e devido a todas essas mudanças na vida dos adolescentes; há percas que podem existir e também, há habilidades que podem ser ganhas nesse período. Conforme Braga e Dell’Aglia (2013, p. 05), “os elevados números de suicídio na adolescência apontados pelos estudos podem ser explicados, em parte, pela dificuldade de muitos jovens de enfrentar as exigências sociais e psicológicas impostas pelo período da adolescência”.

2.3 A Psicologia e o suicídio

Para atuação e manejo com pacientes em crise suicida se torna necessário sabermos como abordamos esse tema na psicoterapia, principalmente com adolescentes, pois muitos deles chegam à clínica através de alguém que os trouxeram (geralmente, nesses casos, os pais ou algum responsável legal). Conforme Botega (2015, p. 158), afirma:

Durante a entrevista, o adolescente pode estar relutante em falar sobre pensamentos de pôr fim à vida ou sobre casos de suicídio na família. A relutância é maior quando vem consultar-se a contragosto, ou quando teme que revelemos a seus pais algo que mantém em segredo. Se não aparecer espontaneamente, a temática pode ser introduzida, de modo a deixar claro que certas coisas podem acontecer e que podemos conversar sobre elas.

O autor comprova que é necessário o psicoterapeuta tentar dialogar e estabelecer vínculo com o adolescente fazendo perguntas que o possibilite a conseguir informações para tentar entender os motivos que o levam a pensamentos de tirar a própria vida ou a tentativas de suicídio.

Além disso, Botega (2015) estabelece que instrumentos de autopreenchimento o qual incluam questões sobre ideias e tentativas de suicídio são ferramentas úteis que podem ser utilizadas durante a consulta com um adolescente. Podemos acrescentar que a consulta com os pais ou algum responsável pode ser necessária para fornecer informações adicionais,

importantes para avaliar os riscos de suicídio, como, por exemplo: o desenvolvimento, desempenho escolar e ou transtornos psiquiátricos no adolescente ou familiares.

Para a autora Fukumitsu (2014), é necessário que inicialmente haja uma preocupação em perguntar e explorar esse comportamento no indivíduo, poder indagar de forma direta o porquê dessa decisão, e se já existe algum plano pré-estabelecido para execução do pensamento suicida. Assim, possa ser ampliada as possibilidades do paciente para falar sobre os seus sentimentos e ideias sobre a ideação.

Além disso, é importante compreender e acolher o indivíduo em sua totalidade, usar a empatia para compreender esse processo. Também fazer o acompanhamento do paciente, contar com a família que já deve estar apta para o acolhimento e estar disponível em caso de crise, fora do *setting* terapêutico. Ademais, é necessário contar com uma equipe multidisciplinar para encaminhamento, caso for necessário (FUKUMITSU, 2014).

Da mesma maneira, é importante garantir ao adolescente a confidencialidade do que ocorrer durante a sessão. A quebra de confidencialidade apenas acontecerá caso algo muito grave venha acontecer e que coloque a vida do adolescente em risco. De acordo com Fukumitsu (2014, p. 271), no contrato terapêutico incentiva-se a inclusão, no item sigilo: “Manterei o sigilo desde que não haja risco de vida”. Assim, os pais ou responsáveis poderão saber o que estar acontecendo com o adolescente e ser rede de apoio para ele.

2.4 Relação do uso das redes sociais com o suicídio na adolescência

O acesso da internet no Brasil surgiu a partir dos anos 1990. Posteriormente, com os avanços tecnológicos, começou a expansão das redes sociais facilitando a comunicação social. O pioneiro deste movimento de redes foi o *Orkut*, antecessor do *Facebook*, logo depois, surgiram outras plataformas digitais como o *Instagram*, *WhatsApp*, *Snapchat*, *Twitter* e *TikTok*, cada um tendo as suas funcionalidades e particularidades para atrair mais usuários nesse meio digital (BLATT, 2019).

Atualmente, o período da adolescência contempla no uso das redes sociais no dia a dia, sendo envolvido na conectividade e no compartilhamento de informações que surgem a todo momento. Dentre eles, pode ser através das publicações de fotos, vídeos, *memes*, envio de mensagens de textos e compartilhar assuntos que gostam, por exemplo, uma série de televisão mais assistida no momento ou uma fofoca do seu ídolo preferido. Portanto, tornou-se um meio digital prático para que os adolescentes possam se conectar mais rápido entre família e amigos.

Segundo dados de 2019 divulgados pelas próprias plataformas, o Brasil possui cerca de 66 milhões de contas ativas no *Instagram*. No *Twitter* já são mais de 8,28 milhões usuários e no *Facebook* este número é ainda maior chegando a marca de 130 milhões

de usuário deixando o Brasil em 3º lugar no ranking dos países com o maior número de perfis da plataforma (BLATT, 2019, p. 43).

Apesar do *Facebook* obter mais usuários na plataforma entre as mídias sociais, o *Instagram* tornou-se a rede social favorita pelos adolescentes no Brasil. Diariamente é utilizada a ferramenta dos *stories* para o compartilhamento de fotos e vídeos, sendo este, usado por 47% dos jovens brasileiros de 17 a 25 anos (PEDERNEIRAS, 2019). Diante dessas informações, é notável o uso constante da rede social no cotidiano dos adolescentes que estão interagindo cada vez mais através do ambiente virtual.

Há adolescentes que embarcam nas redes sociais com o intuito de buscar um lugar para fugir da realidade ou por sentirem que não se encaixam na vida real. Portanto, através das redes criam perfis com o objetivo de encontrar outras pessoas com quem se identificam para manter um relacionamento ou uma amizade virtual. Por vezes, são pessoas que sentem ansiedade, depressão, solidão ou tem dificuldades sociais, logo buscam essa alternativa de interagir no meio digital (EISENSTEIN, 2013).

Por meio do uso das redes sociais pode ocorrer o *cyberbullying* que está interligado na comunicação digital através da internet. É uma forma que usam para agredir, intimidar, constranger, humilhar e ameaçar a pessoa. Além disso, é causado por pessoas anônimas fazendo com que dificulte na identificação do agressor, sem ter medo das consequências de suas atitudes (BOTTINO *et al*, 2015; WENDT; LISBOA, 2013).

No avanço da tecnologia e das redes sociais que surgiu durante os últimos anos, os ataques de *cyberbullying* ocorrem com mais frequência gerando conflitos e agressões verbais, sendo estes, comentários preconceituosos e desrespeitosos. As pessoas com depressão, no caso de serem atingidas por essas humilhações, pode provocar um gatilho para um comportamento suicida como ocorreu em agosto de 2021 com o adolescente Lucas Santos, 16 anos de idade, que cometeu suicídio após um vídeo postado na rede social.

Este caso repercutiu nas mídias sociais no Brasil. De acordo com o relato da mãe de Lucas, “ele postou um vídeo no *TikTok*, uma brincadeira de adolescente com os amigos, e achou que as pessoas iriam achar engraçado, mas as pessoas não acharam, como sempre, as pessoas destilando ódio na internet”. Além disso, foi mencionado sobre o filho ter demonstrado sinais, por causa disso o levou ao psicólogo, porém, surgiu dos comentários na rede social fazendo com que ocasionasse o ato suicida (G1, 2021).

Diante dos conflitos e as decepções que surgem no período da adolescência é possível ocorrer situações em que o adolescente pode sentir-se sem um apoio emocional formado por amigos e família. Portanto, pode causar pensamentos sobre ter apenas uma alternativa para a

solução de uma crise emocional e aliviar a dor que está sentido, optando em arriscar a própria vida (ABREU; SOUZA, 2017).

Segundo Junior e Lima (2017), os conteúdos que circulam nas redes sociais e no mundo da internet podem causar impacto no aumento de suicídios, assim depende do conteúdo acessado por eles. Por exemplo, o adolescente consegue procurar meios de autoajuda ou orientações para evitar ideações suicidas, porém, também há a possibilidade de pesquisar sobre “como se suicidar”.

É por meio da internet que adolescentes praticam e são vítimas de agressões e/ou exposições, que são fortes causas de isolamento social e depressão, ou ainda buscam informações sobre a prática do suicídio ou ajuda emocional nos momentos de ideação suicida como tentativa de sair desse quadro (ABREU; SOUZA, 2017, p. 167).

Segundo Pereira e Botti (2017), o suicídio é abordado de diferentes maneiras na comunicação das redes sociais, dentre as quais estão a comunicação preventiva, com o intuito de promover debates sobre orientações para a saúde mental de pessoas com risco de suicídio, assim como oferecer um suporte profissional no formato *on-line*. E, o outro meio é a comunicação pró-suicida que incentiva as pessoas na busca de realizar a automutilação ou o ato suicida. Deste modo, percebe-se que as redes sociais possuem os benefícios e os malefícios que podem influenciar no comportamento do indivíduo diante das informações que ocorrem no meio digital.

De acordo com Koch e Oliveira (2015 *apud* BLATT, 2019, p. 40), “muitos suicídios podem ser evitados por meio do monitoramento de pessoas com comportamento suicida frente ao acesso aos meios para cometer o ato”. Portanto, é necessário um suporte familiar e emocional que possa supervisionar o indivíduo em casos de ideação suicida mantendo-o longe de possíveis riscos a sua saúde e a integridade física.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho é baseado no modelo de pesquisa bibliográfica. Segundo Boccato (2006), busca uma resolução de problema baseado em pesquisas de publicações teóricas sobre o assunto que precisa ser analisado e discutido de acordo com a literatura científica. Para Fonseca (2002), as pesquisas que são unicamente bibliográficas, buscam referências teóricas para recolher informações prévias sobre o problema que deseja comentar.

A pesquisa bibliográfica é utilizada por dados teóricos trabalhados dentre outros pesquisadores, os textos previamente registrados são fontes a serem pesquisados. É destacado como ponto inicial e essenciais para qualquer atividade acadêmica, já que tanto as pesquisas de campo ou de laboratório são iniciadas por uma revisão bibliográfica (SEVERINO, 2007; ANDRADE, 2010). Esse trabalho propõe também uma pesquisa descritiva, segundo Gil (2002,

p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Assim, aborda-se sobre o tema adolescentes que utilizam as redes sociais e analisamos como estes são afetados. Portanto, a abordagem qualitativa será ideal para a coleta de dados, as amostras, os pressupostos teóricos e os instrumentos para pesquisa com o intuito de investigar esse contexto (GIL, 2002).

Para coleta de dados, foram investigados artigos publicados no *Google Scholar*, SciELO, PePSIC, LILACS, PsycINFO, MEDLINE e BVS-Psi. A fim de complementar essa coleta de dados, foi incluído um artigo do Anais II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde (CONBRACIS), publicado pela Editora Realize, visto que abordava sobre um dos objetivos específicos a ser desenvolvido na pesquisa. Assim, a busca aconteceu através dos descritores “suicídio”, “redes sociais” e “adolescência”.

O quadro 1 apresenta a quantidade de trabalhos obtidos na coleta de dados desenvolvidos na pesquisa. A plataforma que teve mais resultados foi o *Google Scholar* com 7 artigos, em seguida, SciELO e CONBRACIS ambas tendo 1 artigo. No total, foram selecionados 9 artigos para a construção da base de dados.

Quadro 1 – Quantidade de artigos coletados em cada base de dados.

BASE DE DADOS	Nº ARTIGOS
<i>Google Scholar</i>	7
SciELO	1
CONBRACIS	1
PePSIC	0
LILACS	0
Psicinf	0
Medlane	0
BVS-Psi	0
TOTAL	9

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Observa-se que nas principais plataformas de publicação científica como PePSIC, LILACS, PsycINFO, MEDLINE e BVS-Psi não foram encontrados resultados diante dos descritores escolhidos para a pesquisa. Por causa disso, nota-se a falta de artigos publicados dentro da área da Psicologia sobre essa temática.

Em vista disso, os critérios de inclusão foram estudos científicos com tempo de escrita de 5 anos, publicados entre 2017 a 2022, todos em língua portuguesa e produzidos em território

nacional. Entretanto, foram excluídos os sites, os livros, as monografias e as teses, além dos estudos que não estão nos anos de publicação acima. Além destes, também foram excluídos os estudos que falam individualmente sobre cada temática e publicados em língua estrangeira.

Para a análise de dados, foi realizada uma discussão a partir de classes temáticas, as quais foram levantadas previamente pelos pesquisadores e a orientadora, embasadas na literatura acerca da temática da pesquisa. Foram elas: I. Descrever a relação entre adolescência, suicídio e redes sociais; II. Identificar os fatores de risco e de proteção relacionados ao suicídio e ao uso de redes sociais na adolescência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 2 apresenta as informações de cada artigo coletado para a pesquisa. A partir disso, observa-se a escassez de trabalhos com a metodologia voltada para o campo de pesquisa quantitativa.

Quadro 2 – Informações sobre os artigos utilizados para a coleta de dados desta pesquisa.

Ano	Título	Autores	Objetivo	Metodologia
2017	O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura	PEREIRA, C. C. M.; BOTTI, N. C. L.	Identificar na literatura as propriedades da comunicação sobre suicídio em redes sociais virtuais.	Revisão integrativa da literatura (qualitativa)
2017	Suicídio e adolescência: as redes sociais e o efeito <i>copycat</i>	PEREIRA, E. C. O. et al.	Analisar o comportamento suicida do adolescente e o efeito <i>copycat</i> .	Revisão de literatura
2018	A influência da mídia no suicídio na adolescência	SILVA, C. R.	Discutir aspectos sobre a influência da mídia no suicídio na adolescência.	Revisão de literatura
2018	As redes sociais e os adolescentes: um estudo a partir dos pressupostos da Psicologia Social	ALMEIDA, G. G. S. et al.	Discutir sobre o processo de auto-exposição do adolescente frente às redes sociais.	Revisão de literatura (qualitativa)
2019	A influência das redes sociais para o suicídio na adolescência	SIEBEL, M. T. et al.	Identificar o impacto das redes sociais para o suicídio na adolescência.	Revisão de literatura
2019	Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura	SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C.	Examinar os impactos do uso das tecnologias digitais na saúde mental dos adolescentes.	Revisão sistemática de literatura

2020	Entre o dito e não dito: debates contemporâneos sobre o tema do suicídio de adolescentes	ALENCA R, M. A. G. et al.	Discutir os argumentos que sustentam as conversas sobre o tema do suicídio de adolescentes no momento presente.	Estudo exploratório
2020	Análise do discurso nas relações interpessoais: perspectivas dos adolescentes em redes sociais	SILVA, P. H. G.	Apresentar as consequências da introspecção e dificuldade de relações interpessoais entre os jovens, constatando essa afirmação nas próprias redes sociais, com especificidade ao <i>Facebook</i> .	Revisão bibliográfica
2021	A influência da internet nas ações suicidas de jovens e adolescentes	OLIVEIR A, R. F.	Identificar como a psicanálise compreende a influência da internet nas ações suicidas.	Revisão de literatura

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

As contribuições dos textos serão discutidas a seguir a partir das classes: relação entre adolescência, suicídio e redes sociais; e fatores de risco e de proteção relacionados ao suicídio e ao uso de redes sociais na adolescência.

4.1 Relação entre adolescência, suicídio e redes sociais

O suicídio entre adolescentes tem crescido muito nos últimos anos, em destaque no sexo masculino (SIEBEL *et al*, 2019; ALENCAR *et al*, 2020; OLIVEIRA *et al*, 2021). Essa temática tem sido considerada um assunto de saúde pública e motivo de discussão social.

Todavia, percebe-se que os dados não sejam precisos, porque existem fatores socioeconômicos que dificulta nos registros em determinadas classes sociais. Por exemplo, há jovens de classe média e alta que podem buscar o auxílio de médicos para verificar os impactos do suicídio em clínicas particulares, assim, dificultando os registros. Além disso, no quesito religioso, logo associando-se o suicídio algo diabólico, e em alguns casos a causa da morte é omitida para evitar escândalos, e, assim o óbito é registrado por outro motivo (SILVA, 2018).

É importante ressaltar que a adolescência pode ser uma fase complexa do desenvolvimento humano, o “não ser mais criança”, mas também “não ser adulto”. Nesse momento de conflito, pode ocorrer a pressão social com seus padrões de perfeição, e o indivíduo ainda não estar preparado para enfrentar as exigências sociais (OLIVEIRA, 2021). A

adolescência, em si, já é considerada uma fase de grandes transformações, onde se percebe a necessidade de um acompanhamento mais próximo (SILVA, 2020).

Nesse contexto, emerge a relevância da internet. Esta possibilitou as pessoas o acesso as redes sociais, nas quais os adolescentes estão cada vez mais investindo o tempo na criação de postagens, usando esse meio virtual como entretenimento e relacionando-se com pessoas que estão do outro lado da tela. Oliveira (2021) apresenta o contexto da pandemia COVID-19 que gerou uma amplitude gradual no acesso das redes sociais por conta da monotonia diante do isolamento social. Portanto, o meio virtual acabou se tornando um modo de passatempo para as pessoas.

Mesmo com isso, as pesquisas mostram que os adolescentes se sentem pouco acolhidos e não se sentem seguros ao falarem sobre suas aflições (SILVA, 2020). Assim, a internet torna-se que outrora se coloca como lugar de refúgio, e deixa os adolescentes em uma posição mais vulnerável. Através das redes sociais eles têm facilidade à informação voltada ao suicídio e a influência sobre a imitação. Pesquisas mostram, inclusive, que a internet é a terceira maior incentivadora de tirar a própria vida (PEREIRA; BOTTI, 2017; ALMEIDA *et al*, 2018).

Em geral, os estudos (ALMEIDA *et al*, 2018; SIEBEL *et al*, 2019; OLIVEIRA, 2021) afirmam que a internet e as redes sociais podem ser prejudiciais no contexto voltado para o público adolescente que tem acesso a uma gama de informações atribuídos a diversos assuntos. Esses prejuízos estão relacionados a comunicação e a socialização no meio social. O risco aumenta quando apresentam alguns comportamentos que já tenham relação com o suicídio, tais quais o abuso de drogas, a impulsividade, agressividade e oposição a figura de autoridade (SILVA, 2020).

Desse modo, o uso excessivo das redes sociais pode colocá-los num ambiente vulnerável interligando ao cenário da comunicação virtual onde ocorrem violências digitais como o *cyberbullying*, também ocasionando demandas psicológicas como a depressão e o comportamento suicida (PEREIRA; BOTTI, 2017; ALMEIDA *et al*, 2018; SOUZA; CUNHA, 2019).

Portanto, é notório que as redes sociais fazem parte do cotidiano das pessoas, principalmente após a pandemia, pois o isolamento social levou os adolescentes a investirem mais tempo nesse mundo virtual, que pode os levar a dependência e a falsa ideia de vida ideal. Além de que, o *cyberbullying* e os jogos podem ter como finalidade o incentivo a morte desse público. A questão principal aqui, são os gatilhos que podem ser despertados ao terem acesso ao conteúdo que reforcem o comportamento suicida. Por consequência, é de suma importância o acompanhamento dos responsáveis e de alguma forma tentar filtrar os conteúdos que trazem

risco a vida, pois o tempo que esses conteúdos demoram para saírem do ar é o suficiente para influenciar muitos adolescentes a cometerem tal ato.

Lembrando que essa temática, ainda é um tabu na sociedade, dificultando mais a comunicação de adolescentes que sentem necessidade de falar sobre o assunto. Assim, torna-se essencial discutir sobre o problema nas escolas e com a família, além de abrir espaço de fala nas próprias redes sociais para os profissionais que estudam o tema. E, que possam expor de forma correta a identificação de uma potencial vítima, bem como os meios de prevenção, intervenções e encaminhamentos para os devidos profissionais e locais capacitados a cuidarem do caso.

4.2 Fatores de risco e de proteção relacionados ao suicídio e ao uso de redes sociais na adolescência

Dado o cenário apresentado na seção anterior, alguns fatores podem ser apontados como preditores para o suicídio, como: preconceitos, exposição a situação de violência, vulnerabilidade social, uso de substâncias psicoativas, histórico de violência sexual e histórico de suicídio na família. Não menos importante, os transtornos mentais estão muito presentes em adolescentes com comportamento suicida, sendo os mais comuns a depressão e a ansiedade (PEREIRA *et al*, 2017; OLIVEIRA, 2021).

Sobre isso, através de uma pesquisa realizada, Souza e Cunha (2019) retrataram modos de identificar os riscos na saúde mental dos adolescentes diante do uso excessivo das redes sociais. Dentre eles, é destacado a vulnerabilidade diante dos comentários alheios e a dependência de *likes* nos perfis das redes, o compartilhamento excessivo de conteúdo e a descrição de métodos relacionados ao suicídio. As autoras concluem que os riscos na saúde dos adolescentes nesse contexto estão relacionados as mudanças de comportamento e as emoções. Também menciona a dependência da internet estando interligada ao uso constante das redes sociais gerando impactos na saúde mental.

Em outras pesquisas, os autores relacionam que nas redes sociais podem acontecer o Efeito Werther ou *copycat* (PEREIRA *et al*, 2017; SILVA, 2018; OLIVEIRA, 2021). Esse fenômeno ocorre a partir da divulgação dos casos de suicídio na mídia que podem servir de incentivo ou encorajamento para os adolescentes que tenham ideias suicidas e planejamento para tirarem a própria vida (ALMEIDA *et al*, 2018).

Silva (2018) destaca esse efeito pode estar mais poderoso atualmente devido a acessibilidade e a velocidade das tecnologias, por meio das postagens nas redes sociais que tornaram-se virais em pouco tempo de publicação, e chegam a um maior número de pessoas

sem antes passar por uma filtragem de conteúdo. Um exemplo do Efeito Werther, pode ser relacionado ao caso do adolescente Lucas Santos, de 16 anos que postou uma publicação de vídeo fingindo beijar um amigo e viralizou na rede social *TikTok* (OLIVEIRA, 2021).

Oliveira (2021) acrescenta o termo *suicide modeling* que está associado a uma pesquisa sobre como o compartilhamento de informações na mídia social relacionado a temática do suicídio fazendo com que possa influenciar no comportamento suicida. Na atualidade, diante da exposição dos conteúdos nas redes sociais, pode servir como gatilho para o jovem em contexto vulnerável a cometer o ato suicida por meio de contágio. Sendo assim, ocasionando um aumento viral de suicídio.

O Efeito Werther ou *copycat* também está entrelaçado com outro movimento que tem crescido nas redes sociais que são os “digitais *influencers*”, nos quais são pessoas que ganham a vida através da internet com propagandas e publicidades em seus perfis com uma grande quantidade de seguidores. Pereira *et al* (2017) discorrem sobre o suicídio entre jovens e adolescentes em sofrimento psíquico, que, por meio da identificação, buscam apoio nessas personalidades das redes sociais que não os podem ajudar, pois estão mais preocupados com a fama, servindo como gatilho ou contribuindo para que os adolescentes cometam suicídio.

Ademais, citar a existência dos desafios virtuais que podem estimular os adolescentes com ideias suicidas, geralmente, tendo como objetivo final o autoextermínio. Atualmente, esses desafios podem surgir em grupos de *WhatsApp*, chats do *Instagram*, *Facebook* ou publicações nas plataformas de vídeo como *Youtube* e *TikTok* (SIEBEL *et al*, 2019). Dentre os desafios viralizados nas redes sociais, o mais citado está o “Baleia Azul” que consistia em 50 desafios diários enviados aos participantes por um mentor. O desafio consistia desde desenhar uma baleia no próprio corpo (automutilação) e finalizar com o suicídio dos participantes, em sua maioria, eram adolescentes (PEREIRA *et al*, 2017; SILVA, 2018; SIEBEL *et al*, 2019).

Outro fator considerável que pode contribuir para os adolescentes tirarem a própria vida, e as redes sociais serem uma ferramenta, é o *cyberbullying* ou *bullying* virtual, já citado nessa pesquisa. Por meio do aparato oferecido pelas redes sociais ou acharem que a internet é uma “terra sem lei”, há pessoas que usam o anonimato para atacarem suas vítimas. Devido a isso, pode gerar muitos fatores negativos na vida de quem está sofrendo a violência, desde de transtornos emocionais, psicológicos ou comportamentais (PEREIRA; BOTTI, 2017; PEREIRA *et al*, 2017; SILVA, 2018; SIEBEL *et al*, 2019).

À luz deste cenário, Pereira e Botti (2017) abordam a importância de desenvolver os fatores de proteção para os adolescentes proporcionando estratégias para a prevenção ao suicídio. Destacam que a comunicação online nas redes sociais pode favorecer uma forma

preventiva, estabelecendo, inclusive, indicação de se buscar ajuda profissional da saúde e de serviços de acolhimento como:

(...) vídeos no *Youtube* com comunicação preventiva incluindo aqueles que oferecem serviços de ajuda; sistema de busca *Google* que possui ferramenta de caráter preventivo ao disponibilizar links e mensagens sobre serviços de proteção à vida; links no *Facebook* de programas de prevenção e números de telefones de serviços de prevenção do suicídio (como o Centro de Valorização da Vida – CVV, no Brasil, e o SOS voz amiga, em Portugal) e grupos de apoio online (PEREIRA; BOTTI, 2017).

Alguns autores destacam, ainda, a importância do suporte emocional que deve estar associado a presença da família, os amigos e as pessoas externas, por exemplo, a equipe escolar, tendo o intuito de gerar um acolhimento ao adolescente no momento de crise. Esse apoio é uma forma de assegurar a prevenção do suicídio e de promover diálogos relacionados ao assunto que permite uma comunicação preventiva possibilitando o auxílio no cuidado a pessoa (PEREIRA; BOTTI, 2017; SILVA, 2020; ALENCAR *et al*, 2020).

Em vista disso, atualmente, houve um considerável avanço da internet remodelando a vida de todos, principalmente com o advento da pandemia da COVID-19 (SILVA, 2021). Assim, essa ferramenta de comunicação, socialização e consumo está causando um grande impacto no comportamento das pessoas. Desde modo, na adolescência não seria diferente, na verdade tem uma maior probabilidade para que isso ocorra, pois como já observamos, nessa fase há um grande padrão de imitação que pode ocorrer, por meio, das redes sociais.

A partir dos dados levantados por essa pesquisa, percebe-se que os adolescentes buscam pertencer a algum grupo, levando-os a esse meio instantâneo como forma de inclusão, compartilhamentos de ideias e sentimentos, que muitas vezes ocorre, por não contarem com uma rede de apoio familiar, ou por se sentirem deslocado de seu ambiente físico. Assim, procuram a rede social, e encontram um lugar imenso e cheio de informações que não são filtradas, fortalecendo ideias positivas ou negativas de seus comportamentos suicidas.

Além disso, com as questões atuais envolvendo essa acessibilidade as redes sociais e a velocidade da internet, logo, pode-se notar que o Efeito Werther ou *copycat*. Anteriormente acontecia mais por meio televisivo, no entanto atualmente, pode contagiar mais comportamentos suicidas, pois o seu meio de propagação está cada vez mais sofisticado. Em contrapartida, as políticas das redes sociais, que são os meios que as regem, demoram a serem atualizadas permitindo, assim também, que pessoas mal intencionadas cometam o *cyberbullying*.

Ademais, os digitais *influencers* passam uma ideia de vidas “perfeitas” em seus perfis, e quando a vida de seus seguidores não se encaixa nesses padrões, pode ser decepcionante e muitos deles não sabem compreender ou lidar com a frustração. Portanto, a melhor forma de evitar esse comportamento é uma rede de apoio familiar aberta a acolher e compreender esse

adolescente em seu momento de crise, e desmistificar esse tema a fim de poder conversar sobre o assunto de maneira aberta e sem julgamentos.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo de compreender como o uso das redes sociais por adolescentes brasileiros pode influenciar as ideações ou comportamentos suicidas. Aborda, assim, a complexidade da influência das redes sociais no comportamento suicida de adolescentes, tendo em vista que essa fase tem uma vulnerabilidade maior devido as transformações biopsicossociais vividas por esse público.

Observa-se que alguns fatores de risco relacionados ao suicídio, assim, no mundo virtual social podem ocorrer o Efeito Werther ou *copycat* que trata-se do comportamento de imitação ou contágio. Com a velocidade de atualização e compartilhamento de *posts* podem chegar mais rápido a esse público, antes de passar por uma filtragem de conteúdo da plataforma, e atingir um maior número de adolescentes que tem ideações e planejamento suicida, assim, incentivando o ato.

O *cyberbullying* pode acontecer também nesse meio, destacando aqueles usuários por pensarem que podem ferir o sujeito e não serem responsabilizados por seus atos. Também existe o movimento dos “digitais *influencers*” que não podem corresponder e atender as expectativas desse público, principalmente, no auxílio psicológico fazendo um direcionamento inadequado do caso.

Existem outros fatores de risco que envolvem o uso excessivo das redes sociais que podem ocasionar o *cyberbullying* e os desafios virtuais. E, também é destacado a vulnerabilidade social dos adolescentes, o histórico de violência e de suicídio na família, os transtornos mentais (por exemplo, depressão e ansiedade), entre outros.

Os fatores de proteção estão interligados ao suporte emocional formado pela família e os amigos com o intuito de oferecer um acolhimento para o indivíduo. A comunicação preventiva é um ponto importante com o objetivo de desenvolver diálogos sobre o tema e as pessoas ficarem cientes das informações que podem ajudar na prevenção ao suicídio. Promover discussões *on-line* nas redes sociais é outro meio para ampliar métodos preventivos ao público.

Porém, ressalta-se que a rede social virtual não é a principal causa do suicídio nessa faixa etária, pois os fatores aumentam quando existe o uso abusivo de drogas ilícitas ou há presença de transtornos mentais sem acompanhamento psicológico especializado. Sendo assim, a utilização das redes sociais seria o principal meio de expressão para os adolescentes.

Entretanto, essa pesquisa limita-se, a partir de que o suicídio é um fenômeno complexo e multifacetado. Verifica-se que os dados disponíveis podem não corresponder a realidade estatisticamente devido todo o estigma que rodeia a essa temática, principalmente na fase da adolescência. Inclusive há uma escassez de estudos nas principais bases de dados da psicologia como PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, BVS Psicologia Brasil e entre outras. Sendo que a maioria dos estudos são pesquisas voltadas para revisão de literatura e sem estudos direcionados ao campo.

Portanto, busca-se aqui incentivar aos profissionais de psicologia que tenham um olhar perceptivo e de curiosidade para as questões levantadas, e que possam dar a continuidade em estudos científicos posteriores. Encorajando à área da psicologia a investigar as causas que rodeiam a influências das redes sociais no comportamento suicida dos adolescentes, e assim, poder ter intervenções e manejos mais efetivos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. O.; SOUZA, M. B. **A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas**. Revista Sociais & Humanas, Santa Maria/RS, vol. 30, n. 1, p. 158-173, 2017.
- AGUIAR, S. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, ago./set., 2007.
- ALENCAR, M. A. G. et al. **Entre o dito e não dito: debates contemporâneos sobre o tema do suicídio de adolescentes**. Revista Rizoma, vol. 5, n. 1, p. 19-35, 2020. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/rizoma/article/view/7371>>. Acesso em: 01 mai. 2022.
- ALMEIDA, G. G. S. et al. **As redes sociais e os adolescentes: um estudo a partir dos pressupostos da Psicologia Social**, p. 1-21, 2018. Disponível em: <<http://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/414>>. Acesso em: 01 mai. 2022.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- APÓS morte do filho, cantora Walkyria faz alerta: 'Vigiem. A internet está doente'; vídeo. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/03/apos-morte-do-filho-cantora-walkyria-faz-alerta-vigiem-a-internet-esta-doente-video.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2021.
- BERTOLOTE, J. M. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BLATT, M. R. **A relevância das redes sociais na prevenção ao suicídio**. SAJES - Revista da Saúde da AJES, Juína/MT, vol. 5, n. 10, p. 36-46, jul./dez., 2019.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo.** 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOTTINO, S. M. B. et al. **Repercussões do cyberbullying na saúde mental dos adolescentes.** Revista Debates em Psiquiatria, mar./abr., 2015.

BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. **Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero.** Contextos Clínicos, v. 6, n. 1, p. 2-14, jan./jun., 2013.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.** Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil.** Brasília/DF, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

CICOGNA, J. I. R.; HILLESHEIM, D.; HALLAL, A. L. L. C. **Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 68, n. 1, p. 1-7, 2019.

COUTO, V. V. D.; TAVARES, M. S. A. **Apego e risco de suicídio em adolescentes: estudo de revisão.** SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo - Revista da SPAGESP, vol. 17, n. 2, p. 120-136, 2016.

EISENSTEIN, E. **Desenvolvimento da sexualidade da geração digital.** Adolescência & Saúde, Rio de Janeiro/RJ, v. 10, supl. 1, p. 61-71, abr., 2013.

FONSECA, F. F. et al. **As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção.** Revista Paulista de Pediatria, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FUKUMITSU, K. O. **O psicoterapeuta diante do comportamento suicida.** Psicologia USP, São Paulo/SP, v. 25, n. 3, p. 270-275, 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

JUNIOR, I. F. B.; LIMA, M. A. **Suicídio e o jogo da Baleia Azul analisados na perspectiva de Anomia de Émile Durkheim.** Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica, Brasília/DF, v. 3, n. 1, p. 121-136, jan./jun., 2017.

OLIVEIRA, A. T. **O suicídio como resposta a uma imposição de desigualdade.** 2016. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2016.

OLIVEIRA, R. F. **A influência da internet nas ações suicidas de jovens e adolescentes.** Atibaia - SP, 2021. Disponível em: <<http://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/346/Raquel%20Felipe%20De%20Oliveira%20-%20Entrega%20Final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01/05/2022.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEDERNEIRAS, G. **Instagram é rede social preferida entre os jovens brasileiros, diz estudo.** Tecmundo, 2019. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/141928-instagram-rede-social-preferida-entre-jovens-brasileiros-diz-estudo.htm>>. Acesso em: 24 out. 2021.

PEREIRA, C. C. M.; BOTTI, N. C. L. **O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura.** Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, n. 17, p. 17-24, jun., 2017.

PEREIRA, E. C. O. et al. **Suicídio e adolescência: as redes sociais e o efeito copycat.** Anais II CONBRACIS, Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/29661>>. Acesso em: 01/05/2022.

RIBEIRO, J. M.; MOREIRA, M. R. **Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, vol. 23, n. 9, p. 2821-2834, 2018.

SANTOS, E. C.; NETO, O. C. M.; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In: HABIGZANG, L. F.; DINIZ, E.; KOLLER, S. H. (orgs.). **Trabalhando com adolescentes: Teoria e Intervenção psicológica.** Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 17-29.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SIEBEL, M. T. et al. **A influência das redes sociais para o suicídio na adolescência.** Revista Ciência (In) Cena (online), Salvador, BH, vol. 1, n. 8, p. 121-133, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/6726>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

SILVA, C. R. **A influência da mídia no suicídio na adolescência.** Textos completos do 5º Seminário integrado de monografias, dissertações e teses (SIMDT) e 1ª Semana de Letras, p. 37-62, 2018. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2019/publicacoes/9ea762_4184031b2b2544f99f42d6ba918476d9.pdf#page=37>. Acesso em: 01 mai. 2022.

SILVA, P. H. G. **Análise do discurso nas relações interpessoais: perspectivas dos adolescentes em redes sociais.** Revista Philologus, Rio de Janeiro: CiFEFIL, vol. 26, n. 76, p. 160-171, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/507/542>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C. **Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes:** uma revisão sistemática da literatura. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, vol. 3, n. 3, p. 204-217, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

UMA em cada cem mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. **Nações Unidas no Brasil (ONU)**, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/132195-uma-em-cada-cem-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. **Agressão entre pares no espaço virtual:** definições, impactos e desafios do cyberbullying. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p. 73-87, 2013.